

COLEÇÃO BNB DE XILOCORDEL UMA VIGEM AO CEU

AUTOR: LEANDRO GOMES DE BARRO



xilo alunos de Araripe-Ce folhetaria Pe Cicero

UMA VIAGEM AO CÉU

Leandro Gomes de Barros

1

Uma vez, eu era pobre,
Vivia sempre atrasado,
Botei um negócio bom
Porém vendi-o fiado
Um dia até emprestei
O livro do apurado.



Dei a balança de esmola
E fiz lenha do balcão
Desmanchei as prateleiras
Fiz delas um marquezão
Porém roubaram-me a cama
Fiquei dormindo no chão.



Estava pensando na vida
Como havia de passar,
Não tinha mais um vintém
Nem jeito pra trabalhar
O marinheiro da venda
Não queria mais fiar.



2

Pus a mão sobre a cabeça
Fiquei pensando na vida
Quando do lado do céu
Chegou uma alma perdida,
Perguntou: - Era o senhor,
Que aí vendia bebida?



Eu disse que era eu mesmo
E a venda estava quebrada,
Mas se queria um pouquinho
Ainda tinha guardada
Obra de uns dois garrafões
De aguardente imaculada.



Me disse a alma: - Eu aceito
E lhe agradeço eternamente
Porque moro no céu, mas lá
Inda não entra aguardente
São Pedro inda plantou cana
Porém perdeu a semente.



Bebeu obra de 3 contos
Ficou muito satisfeita
Disse: Aguardente correta,
Imaculada direita,
Isso é que eu chamo bebida



3

Perguntei-lhe: Alma, quem és?
Disse ela: - Tua amiga,
Vim te dizer que te mude
Aqui não dá nem intriga
Quer ir para o céu comigo?
Lá é que se bota barriga!

Eu lá subi com a alma
Num automóvel de vento
Então a alma me mostrava
Todo aquele movimento,
As maravilhas mais lindas
Que existem no firmamento.

Passamos no purgatório,
Tinha um pedreiro caindo,
Mas adiante era o inferno
Tinha um diabo cantando
E a alma de um ateu
Preso num tronco, apanhando.

Afinal, cheguei no céu
A alma bateu na porta,
Como pouco chegou São Pedro
Que estava pela horta,
Perguntou-lhe: - Esta pessoa
Ainda é viva, ou é morta?

4

Então a alma respondeu:
- É viva, estava no mundo,
Não tinha de que viver
Está feito um vagabundo,
Lá quem não for bem sabido
Passa fome, vive imundo!



São Pedro aí perguntou:
- O mundo lá, como vai?
Eu aí disse: - Meu Santo,
Lá filho rouba do pai,
Está se vendo que o mundo
Por cima do povo cai.

Eu ainda levava um pouco
Da gostosa imaculada,
Dei a ele e ele disse:
- Aguardente raciada!
- E aí me disse: - Entre,
Aqui não lhe falta nada!



Arrastou uma cadeira
E mandou eu me sentar
Chamou um criado dele
Disse: - Cuide em se arrumar
Vá lá dentro e diga a ama
Que bote um grande jantar.



5

Quando acabei de jantar,
O Santo me convidou,
Disse: - Vamos lá na horta
Fui, ele então me mostrou
Coisas que me admiraram
E tudo me embelezou.

Vi na horta de São Pedro
Arvoredos bem criados
Tinha pés de plantações
Que estavam carregados
Pés de libras esterlinas
Que já estavam deitados.

Vi cerca de queijo e prata,
E lago de coalhada
Atoleiro de manteiga
Mata de carne guisada
Riacho de vinho do porto,
Só não tinha imaculada!

Prata de quinhentos réis
Eles lá chamam caipora,
Botavam trabalhadores
Para jogar tudo fora,
Esses níqueis de cruzado
Lá nascem de hora em hora.



6

Então São Pedro me disse:
- Quero fazer-lhe um presente,
Quando você for embora
Vou lhe dar uma semente,
Você mesmo vai escolher
Aquela mais excelente!

Deu-me dez pés de dinheiro,
Alguns querendo botar,
Filhos de queijo do reino
Já querendo safrejar,
Uns caroços de brilhante
Para eu na terra plantar.

Galhos de libra esterlina
Deu-me cento e vinte pés
Deu-me um saco de semente
De cédulas de cem mil réis
Deu-me maniva de prata
De diamante, umas dez.

Aí chamou Santa Bárbara
Esta veio com atenção
São Pedro aí disse a ela:
Eu quero uma arrumação
Este moço quer voltar
Arranje-lhe uma condução.



- Bote cangalha num raio,
E a sela num trovão
Veja se arranja um corisco
Para ele levar na mão
Porque daqui para terra
Existe muito ladrão!



Eu descí do céu alegre
Comigo não foi ninguém
Passei pelo purgatório
Ouvi um barulho além
Era a velha minha sogra
Que dizia: Eu vou também!



Eu lhe disse: - Minha sogra
Eu não posso a conduzir
Ela me disse: - Eu lhe mostro
Porque razão hei de ir
E se não for apago o raio
Quero ver você seguir!



Nisso o raio se apagou,
Desmantelou-se o trovão,
O corisco que eu trazia
Escapuliu-se da mão
E tudo quanto eu trazia
Caiu desta vez no chão.



Aí a velha voltou
Rogando praga e uivando
Quando entrou no purgatório
Foi se mordendo e babando
Dizendo tudo de mim
Lançando fogo e falando.



bem dizia o meu avô:

- Sogra, nem depois de morta
Fede a carniça de corpo
A língua da alma corta
Não diz assim quem não viu
Uma sogra em sua porta.

Eu vinha com isso tudo
Que o santo tinha me dado
Mas minha sogra apanhou
O diabo descuidado
Fiquei pior do que estava
Perdi o que tinha achado.

E quando cheguei em casa
A mulher quase me come,
Ainda pegou um cacete
E me chamou tanto nome,
Disse que eu casei com ela
Par matá-la de fome.

Se não fosse minha sogra
Eu hoje estava arrumado,
Mas ela no purgatório
Achou tudo descuidado,
Abriu a porta e danou-se
Veio deixar-me encaiporado.

Nunca mais voltei ao céu
Para falar com São Pedro,
E ainda mesmo que possa
Não vou porque tenho medo
Posso encontrar minha sogra
E vai de novo outro enredo.

FIM



CENTRO CULTURAL DO BANCO DO NORDESTE E SECRETARIA DE AÇÃO SOCIAL DE ARARIPE-CE

OFICINA DE XILOCORDEL

MINISTRANTE JOÃO PEDRO DO JUAZEIRO
ILUSTRADORES

Andréia Maria de Lima

Cícero Macsuel Silva Gomes

Cícero Roniel Antune Brandão da Silva

Francilania da Silva Gonsalves

Francierica da Silva Gonçalves

Gildenia de França Martins

Jose wellington Freire Gonçalves

Kellriane da Silva Martins

Kelvia Gonçalves de Oliveira

Lorena Alencar dos Santos

Maria Vanusa Ferreira Freire

Meyre Martinha Veloso

Kellriane da Silva Martins

Paloma Matias dos Santos

Raiane Ferreira de Alencar

Rebeca Fernandes Batista Lemos

Roberto de Souza Brito

Tatiane Gonsalves da Silva

Williane de Alencar Martins



PROGRAMA BNB
DE CULTURA

BRASIL
UM PAIS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

BANCO DO
NORDESTE





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).